

## PANOS ADIRE E ELEMENTOS DA LINGUAGEM VISUAL: UM OLHAR ALÉM DAS FRONTEIRAS OCIDENTAIS

### *ADIRE CLOTH AND ELEMENTS OF VISUAL LANGUAGE: A LOOK BEYOND THE WESTERN BORDERS*

Edna Martins<sup>1</sup>

Marizilda dos Santos Menezes<sup>2</sup>

#### **Resumo**

Criar e organizar conteúdo visual fazem parte do Design Gráfico. No entanto, a busca por soluções visuais e racionais no planejamento de produtos se origina em tempos mais distantes e se apresenta em diferentes sociedades, como por exemplo, as africanas. Elementos da Linguagem Visual, como princípios de organização, estão presentes em diferentes produtos, como nos têxteis africanos, desviando as atenções da organização da linguagem visual como fruto da modernidade europeia. Este artigo analisa exemplos de panos africanos Adire, de origem Yoruba, com a finalidade de identificar em suas estampas, elementos estruturais que os aproximam dos produtos de Design e exibem de organização visual intencional.

**Palavras-chave:** Design Gráfico; Moda; panos africanos.

#### **Abstract**

Create and organize visual content are also present in Modern Graphic Design. However, the search for visual and rational solutions in product planning dates back more distant times and presents itself in different societies, such as African. Visual Language elements such as principles of visual organization, are present in different products such as in African textiles, drawing attention away from the organization of visual language as a result of European modernity. This article analyzes examples of African fabrics Adire of Yoruba origin, in order to identify at its prints, structural elements that approach it of the product of intentional design and show intentional visual organization.

**Keywords:** Graphic Design; Fashion; African cloth.

---

<sup>1</sup> Mestre em Design, Universidade Estadual Paulista – FAAC, martinnsedna@yahoo.com.br

<sup>2</sup> Professora Doutora, Programa de Pós-graduação em Design - FAAC – UNESP, zilenezes@uol.com.br

## 1. Introdução

O Brasil é uma nação composta por diferentes raças, entre estas a negra africana, que ao sair da África, trouxe-nos partes de sua herança cultural. Dentro deste universo, características relacionadas ao vestir, em vários sentidos, se mesclam a artigos de Design e Moda brasileiros, como produtos inspirados na temática africana. Entre estes produtos desenvolvidos no Brasil estão os tecidos, matéria-prima extremamente importante para a confecção de peças de vestuário. Porém, a cultura africana ainda é considerada muito ligada ao tradicional e artesanal, sendo submetida a olhares muitas vezes preconceituosos, uma vez que o tradicional e artesanal ainda são considerados muito próximos do não sofisticado. Será que existem elementos da Linguagem Visual presentes em panos africanos Adire, que os distanciam do Artesanato e os aproximam do Design Gráfico?

Este artigo tem como objetivo principal responder a esta questão, se utilizando de um tipo de pano africano, mais especificamente o pano Adire, para a identificação de elementos da Linguagem Visual em sua superfície. Fala-se do pano Adire devido à sua procedência Yoruba, grupo cultural do qual se originaram os Egba, um dos grupos africanos que vieram para o Brasil na época da escravidão e cuja herança se encontra entre nós.

O presente artigo pode conduzir a reflexões sobre a tradução elementos visuais da cultura africana para o desenvolvimento de produtos de Design e Moda no Brasil, se fortalecendo em características visuais fundamentadas em elementos da Linguagem Visual e princípios da Gestalt. São analisadas amostras de panos Adire, segundo a presença de elementos estruturais da Linguagem Visual, utilizados pelo Design (mais especificamente pelo Design Gráfico) e princípios da Gestalt, de modo sintetizado devido às exigências de espaço.

A pesquisa foi elaborada a partir de coleta bibliográfica, com a utilização de documentos na forma de artigos, livros e imagens, com a finalidade de fazer breve revisão teórica sobre a vinda de africanos ao Brasil, os elementos fundamentais ou estruturais da Linguagem Visual, princípios da Gestalt e história de panos africanos, mais especificamente, os panos Adire. Em seguida fez-se um paralelo entre os elementos fundamentais da Linguagem Visual e as estampas de seis amostras de panos Adire, para identificar a presença ou não destes elementos nas superfícies das amostras.

## 2. Os Africanos e o Brasil

Ao se falar da procedência dos escravos africanos, no que se refere ao Brasil, é relevante citar os Yoruba, povos africanos que atualmente se encontram principalmente na Nigéria (país localizado na Costa Africana Ocidental). Neste contexto destaca-se Mullen (2004) ao revelar que: “Devido à maioria dos escravos trazida para a América ser da África Ocidental, descendentes Yoruba também podem ser encontrados no Brasil, Cuba, Caribe e Estados Unidos” (MULLEN, 2004, p. 9, tradução nossa).

Os **Yoruba** se organizam em subgrupos compreendendo os Oyó, Ibarapa, Ifé, Ijebu, Ondo, Ikale, Ekiti, Owo, Akoko, Awori, Egbado, Egba. E confirmando Mullen (2004), estudiosos revelam que das guerras entre povos rivais, as quais muitas vezes resultavam no aprisionamento de inimigos e sua posterior venda como escravos, um cenário resultou, incluindo o Brasil, seu tráfico negreiro e os Yoruba (MUSEU AFRO-BRASILEIRO, 2005).

### Panos Adire e Elementos da Linguagem Visual: um Olhar Além das Fronteiras Ocidentais

No início do XIX, as guerras entre os fon (chamados de jeje pelos yoruba) e os yoruba (chamados de nagô pelos fon) resultaram em um grande número de prisioneiros, vendidos como escravos para traficantes brasileiros e portugueses, para serem trazidos principalmente à Bahia. [...] grande parte do povo da Bahia descende dos yoruba e dos fon (MUSEU AFRO-BRASILEIRO, 2005, não paginado).

Dos povos Yoruba vieram, para o Brasil, escravos de todas as suas pequenas nações: de Oyó, capital Yoruba; de Ilorin, Ijesa, Ibadan, Ifé, Ledú, Egbá, Lagos. Dentre alguns destes nomes, que se acham deformados entre os brasileiros, destaca-se o Egbá, cuja palavra muitos afrodescendentes não pronunciam o *g*, encontrando-se, em documentos do tráfico negreiro e da escravidão, a designação negros de Ebá ou negros Bá (RODRIGUES, 2010). Segundo Santos (2007), o termo 'nagô' (anteriormente citado) é uma espécie de generalização desses africanos, que no Brasil se tornariam assim conhecidos.

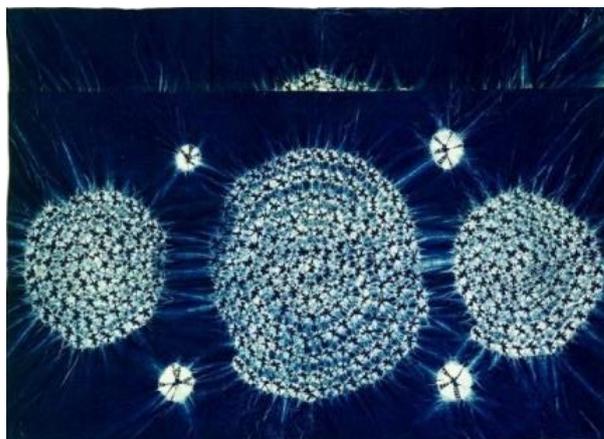
Marcados por sua rica produção tradicional e artesanal, os povos Yoruba se destacam pela produção de esculturas, cravações em madeira, trabalhos com contas, tecelagem; entre esta última, os panos Adire.

### 3. Panos Adire e Povos Egba

Entre as diversas produções artísticas desenvolvidas pelos nigerianos, destaca-se a produção de panos Adire (Figura 1), os quais muito refletem de sua cultura.

A produção destes panos vem de longa data e é transmitida de geração para geração, se configurando como parte integrante da herança nigeriana, mais especificamente do povo do reino Egba, cidade de Abeokuta (capital do Estado de Ogum, Nigéria) (SAHEED, 2013, tradução nossa).

**Figura 1: Pano Adire, Capa de Mulher Yoruba (Nigéria), Século XX.**



Fonte: <<http://effyeaharthistory.tumblr.com/post/2785066426/adire-wrapper-cloth-yoruban-nigeria-20th>>

A cidade de Abeokuta possui um expressivo mercado baseado na agricultura e destaca-se, dentre seus principais produtos cultivados, o algodão, introduzido pelos missionários de 1850. A referida cidade é conhecida como a capital nigeriana da

indústria Adire (SAHEED, 2013, tradução nossa).

Os panos Adire se tornaram tão significativos que sua produção se volta a suprir mercados não só locais como também nacionais. Em suas origens a denominação Adire significa ‘amarrar e tingir’ e foi primeiramente aplicada ao pano *índigo-dyed* decorado com padrões *resist* (técnica de pintura, na qual determinadas partes do tecido são impedidas de receber a tinta), por volta do fim do Século XX. Com a introdução de uma ampla paleta de tintas sintéticas importadas, na segunda metade do referido século, a classificação Adire sofreu uma expansão, incluindo uma variedade de produtos tingidos à mão, se utilizando do método *wax resist batik* (utilização de cera para impedir que determinadas partes do tecido recebam tintura) para a produção de padronagens em panos (SAHEED, 2013, tradução nossa).

O artesanato Adire era formalmente reconhecido como um negócio de família no reino Egbaland (SAHEED, 2013, tradução nossa). Acredita-se que a primeira família em Egbaland a produzir Adire seja a família Jojolola, à qual não era permitida ensinar o negócio Adire para aqueles que não eram membros familiares. No entanto, deu-se um novo período de inovações em panos artesanais Yoruba (por volta de 1960). O aumento das vantagens no uso de tinturas químicas importadas da Europa conduziu a uma revolução em cores e técnicas; a atuação de designers de moda nigerianos iniciava uma adaptação dos designs Adire a estamparia de alta qualidade, se utilizando de tintas diferentes do índigo. A produção têxtil Adire se transformou em uma inovadora empreitada artesanal (SAHEED, 2013, tradução nossa).

O primeiro produto Adire resultou de uma combinação de uma vestimenta branca local chamada *Teru* e uma tintura chamada Elu, resultante de folhas da planta *elu*, cultivadas em uma área chamada Saki, no Estado de Oyo (TOMORI, 2011 apud SAHEED, 2013). No século XIX, surgiu na cidade de Abeokuta, um tipo distinto de tecido, que ao invés de folhas de Elu, se utilizava do índigo como tintura. Este tecido distinto era o *tie-dyed kijipa* – um pano tecido à mão e tingido com índigo, usado como capas e coberturas de roupas. Mulheres especialistas tingiam fios e panos, estas também reaproveitavam roupas desbotadas retingindo os panos com padrões *tie-dyed* (SAHEED, 2013, tradução nossa).

No início do século XX surge um vasto comércio Adire pela África Ocidental, particularmente Gana, Congo e Senegal.

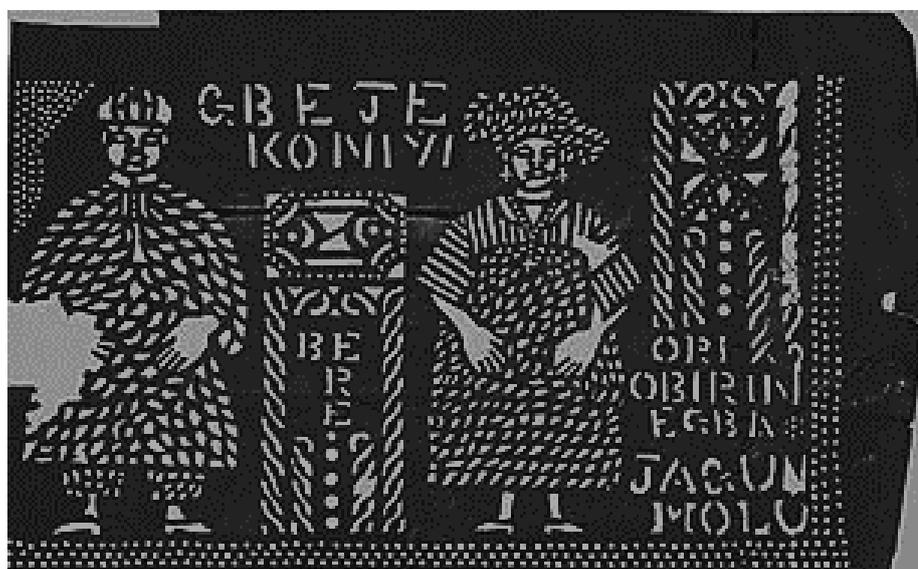
Nos anos 30, inovações tecnológicas para decoração Adire foram desenvolvidas, fornecendo um caminho para que homens pudessem entrar nesta controlada indústria feminina. Esta fase (que conduziu a entrada masculina no comércio Adire) levou a decoração dos panos por meio do uso de *máquinas de costura e aplicação de amido* utilizando de estênceis de zinco (Figura 2), no entanto a produção Adire especializada, fazendo-se uso de tintura, amarração, pintura e costura a mão, continuava a ser talento das mulheres (SAHEED, 2013, tradução nossa).

Nas décadas de 1920 e 30, a produção Adire se constituía o maior artesanato local das cidades de Abeokuta e Ibadan, atraindo compradores de todas as partes da África Ocidental, porém no final desta época surgiram problemas relacionados à qualidade. Estes problemas eram resultantes da disseminação da tintura de índigo sintético e soda cáustica, aliados ao grande fluxo de novos produtores menos qualificados para o ofício, conduzindo a demanda a um colapso sem uma definitiva

recuperação (CLARKE, 2011, tradução nossa).

Mesmo apresentando um nível mais baixo de qualidade, os mercados foram invadidos pelo Adire. Segundo Saheed (2013), os novos Adire multicoloridos resultante de simples tecnologias, se tornaram produtos de uma indústria de quintal que saturava os mercados. Cera quente ou parafina era substituída por pasta nativa de mandioca, como agente *resist*, e os padrões eram criados por simples técnicas incluindo *tie-dye* (amarrar e tingir), dobrar, amassar e polvilhar ou espirrar a cera quente sobre um pano pronto para receber tintura.

Figura 2: Estêncil Adire, Textile Museum of Canada (Toronto).



Fonte: Clarke (2011).

### 3.1. Panos Adire – Materiais e Técnicas de Produção

O processo de decoração de panos Adire inclui, de modo geral, materiais e técnicas como as seguintes:

#### 3.1.1. Materiais

**Índigo:** o azul índigo é extraído, principalmente, de uma planta de origem indiana chamada *Indigofera tinctoria*, porém, há outras variedades que crescem na África, na Ásia, no Oriente Médio e nas Américas. A África possui cerca de 650 espécies de plantas do gênero *indigofera* e foi a partir do século XI, que a tintura com índigo desenvolveu-se na África Ocidental, paralelamente a técnicas antigas de tingimento e da cultura do algodão (PEZZOLO, 2007).

O índigo foi obtido sinteticamente em 1880, pelo químico von Bayer, assim as plantações que fornecem o pigmento natural deixaram de ser um bom negócio, pois o custo de seu cultivo superava o custo da fabricação do corante sintético. Porém, somente no ano de 1897, após muitas pesquisas, conseguiu-se industrializar o índigo sintético mais barato do que o obtido naturalmente. Durante os anos 1930 e 1940, a

produção de índigo diminuiu expressivamente, quase chegando à extinção (PEZZOLO, 2007).

### 3.1.2. Técnicas de Produção

**Tie-dye:** técnica oriunda da África do Norte, que consiste em dar nós, dobrar, pregar, plissar, enrugar tecidos, os quais são submetidos a banhos em tinturas (CHATAIGNIER, 2006);

**Batik:** de modo geral é conhecida como pintura ou tintura com reserva. Segundo Pezzolo (2007), a técnica com cera quente, permite contornar desenhos e cobrir partes de um motivo em que a tintura não deve agir. O nome *batik* origina-se da palavra *batikken*, que significa 'desenho ou pintura com cera'. Aplica-se cera quente ou parafina sobre o tecido, seguindo o motivo, com o objetivo de isolar áreas nas quais a tintura não deve agir. Após a etapa de tintura, a cera deverá ser dissolvida. A técnica *batik* chegou à África pelas mãos de holandeses e aí se tornou tradição e forma de expressão artística (PEZZOLO, 2007).

Na Costa do Marfim e no Senegal, a técnica é realizada com uma espécie de carimbo esculpido em madeira (pranchas), contendo motivos geométricos, de animais, de flores e frutas. Na Nigéria este processo é realizado fazendo-se uso de pasta de amido de arroz ou soja. A aplicação é feita com as mãos ou com o auxílio de moldes vazados, também podem ser utilizadas espátulas de madeira. Após a secagem da pasta de amido, o tecido é submetido ao tingimento. Em seguida fixa-se a tintura com vapor e lava-se o tecido para retirada da pasta (PEZZOLO, 2007).

Ainda quanto à referida técnica, podem-se citar os tecidos do tipo Wax, de origem holandesa. Entre estes há tecidos que se utilizam da técnica do *batik*, porém de forma mecânica. A cera utilizada para isolar partes do desenho é aplicada por meio de cilindros de cobre, contendo gravações de motivos básicos. O tecido é tingido com índigo, e estampam-se as cores secundárias diretamente por meio de pranchas (PEZZOLO, 2007) - segundo Farina (1987), as cores secundárias ou complementares, se referem ao vermelho-alaranjado, verde e azul-violeta.

## 3.2. Panos Adire – Tipos

Os panos Adire possuem subtipos que podem ser classificados segundo as técnicas de decoração utilizadas. Neste artigo serão analisados os subtipos *Oniko*, *Alabere* e *Eleko*.

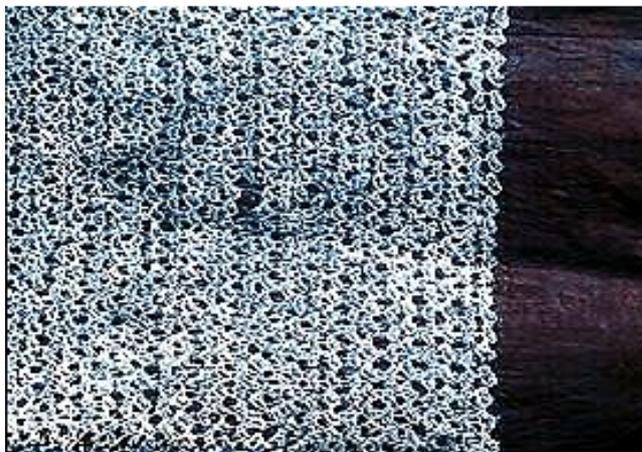
### 3.2.1. Adire Oniko

É um tipo de pano Adire (Figura 3), também produzido por artistas Yoruba, que se utilizam da técnica *tie-dye* para decoração. A fase de tintura também se utiliza do pigmento índigo (azul profundo produzido a partir da *indigofera*) (tradução nossa) (MICHIGAN STATE UNIVERSITY MUSEUM, 2014).

Sua produção envolve a mistura de duas ou mais camadas de tecido, os quais são ligados ou costurados juntos, fazendo-se uso de fibras de ráfia e, posteriormente, imersos em corante. O pano exibido na Figura 3 foi produzido pela colocação de grãos de arroz ou pequenas pedras junto ao tecido. Geralmente, um pouco de ráfia utilizada na amarração não é removida para demonstrar ao comprador que o pano foi

recentemente tingido (MICHIGAN STATE UNIVERSITY MUSEUM, 2014, tradução nossa).

**Figura 3: Pano Adire Oniko - Algodão. Povo Yoruba, Nigéria; cerca de 1965.**

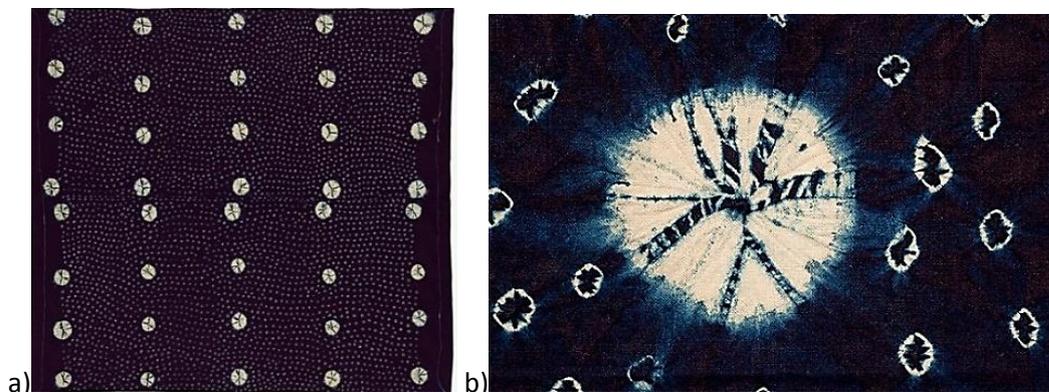


Fonte: <<http://museum.msu.edu/?q=node/282>>

Quando a ráfia é amarrada ao redor do pano, atuando como método *resist*, os panos são conhecidos como adire oniko. Uma grande variedade de padrões pode ser produzida utilizando este método. Por exemplo, pequenos círculos podem ser criados pela amarração de pequenas pedras ou sementes no tecido [...] (VICTORIA AND ALBERT MUSEUM, 2014, não paginado, tradução nossa).

A Figura 4 exibe um exemplo de *Adire Oniko* com pequenos círculos formados da mistura de índigo e técnica *resist*.

**Figura 4: a) Pano Adire Oniko - Algodão, Índigo e Resit Dye; Padrão 'Luas e Frutas'. Ibadan (Nigéria), Anos 60. Victoria and Albert Museum; b) Detalhe.**



Fonte: <<http://www.vam.ac.uk/content/articles/a/adire-indigo-resist-dyed-cloth-from-yorubaland-nigeria/>>

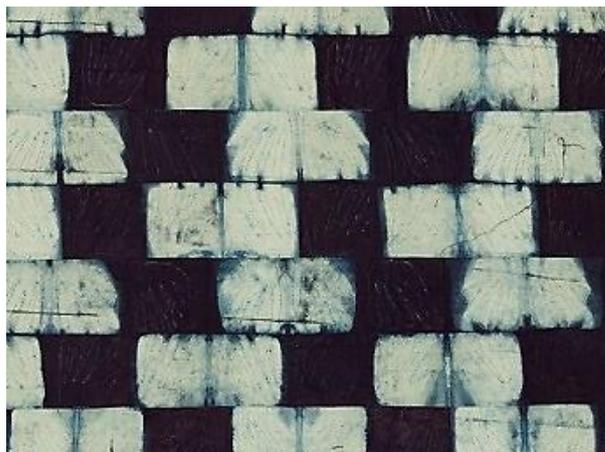
Utilizando-se dois tipos diferentes de círculos em várias combinações e arranjos, pode-se criar uma ampla variedade de padrões. Às vezes, uma combinação específica de

círculos recebia um nome; os nomes geralmente variavam de cidade para cidade ou recebiam alteração ao longo do tempo. Em 1964, foram criadas na cidade de Ibadan, cinco linhas de grandes círculos, acompanhados de pequenos círculos que preenchiam todo o pano. Este padrão ficou conhecido como *Olosupaeleso* (Figura 4), que significa luas e frutas (MICHIGAN STATE UNIVERSITY MUSEUM, 2014, tradução nossa).

### 3.2.2. Adire Oniko Alabere

O termo *Alabere* é usado quando a técnica de costura se configura o principal tipo de *resist dye*; se a costura se der por fios de rafia, se denominará *Adire Oniko*. Os tecidos Adire cuja técnica de costura se dá por máquinas também se denominam Alabere (Figura 5). Tanto a costura a máquina, feita por homens, como a costura a mão, feita por mulheres, possibilita produção de padrões (VICTORIA AND ALBERT MUSEUM, 2014, tradução nossa).

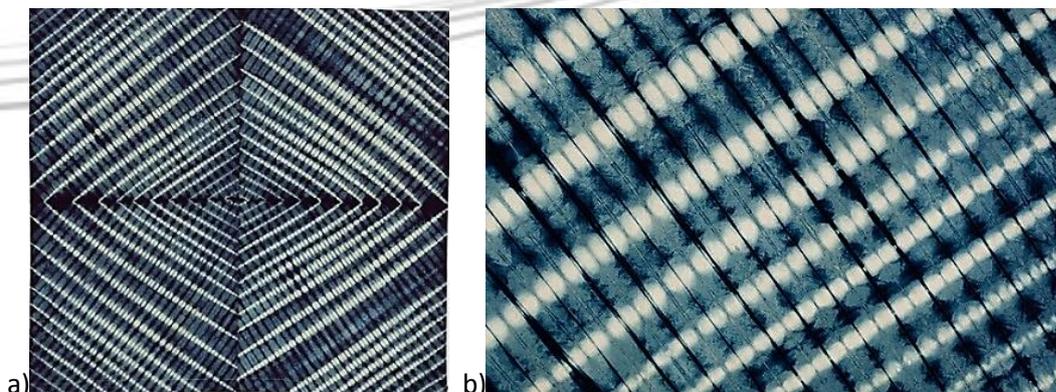
Figura 5: Pano Adire Alabere. Ibadan (Nigéria), anos 60.



Fonte: <<http://www.vam.ac.uk/content/articles/a/adire-indigo-resist-dyed-cloth-from-yorubaland-nigeria/>>

O uso de fios de rafia confere ao artesão várias possibilidades de construção de padrões. Além de círculos, podem se gerar motivos semelhantes a listras, como ocorre na Figura 6.

Figura 6: a) Pano Adire Oniko Alabere. Ibadan (Nigéria); Anos 60. b) Detalhe.



Fonte: <<http://www.vam.ac.uk/content/articles/a/adire-indigo-resist-dyed-cloth-from-yorubaland-nigeria/>>

A Figura 6 exhibe uma padronagem criada a partir de dois panos dobrados e fios de ráfia. Cada pano foi dobrado de canto a canto como uma sanfona, em seguida foi ligado em vários pontos por fios de ráfia. Após passar por um processo de tintura, eles foram costurados e a peça final resultou num padrão em forma de diamante com alternância de listras azuis e brancas (VICTORIA AND ALBERT MUSEUM, 2014, tradução nossa).

O pano dobrado e amarrado alcançou preferência popular e status de ‘pano do ano’ 1964, enquanto panos com padrões circulares (por exemplo, Figura 4) alcançaram preferência popular no ano de 1962 (VICTORIA AND ALBERT MUSEUM, 2014, tradução nossa).

### 3.2.3. Adire Eleko

O pano *Adire Eleko* (Figura 7), cujo principal centro de produção é a cidade de Ibadan, é um tipo de pano também produzido por artistas Yoruba, fazendo-se uso de tinta produzida a partir de planta *indigofera* e técnicas *tie-dye*. Seus designs podem ser produzidos por tinta ou por estêncil com a utilização de pasta ou amido, produzidos a partir de farinha de mandioca, trabalhada sobre o tecido antes de receber a tinta.

Figura 7: Pano Adire Eleko. Povo Yoruba, Nigéria; 1970-72.



Fonte: <<http://museum.msu.edu/Exhibitions/Virtual/AfCon/7366-58.html>>

Esta mistura resulta de farinha de mandioca misturada com água, posteriormente fervida e então espalhada. Segundo Pick e Mack (1989 *apud* (MICHIGAN STATE UNIVERSITY MUSEUM, 2014), esta mistura, enquanto em ebulição, recebe adição de uma pequena porção de sulfeto de cobre, com a finalidade de aumentar a durabilidade da solução. O amido será cuidadosamente aplicado ao tecido e, em seguida, colocado para secar. Quando submetido à tintura, as partes que contém o amido impedem a penetração do pigmento. Após esta fase o tecido será submetido à lavagem para retirada do amido (MICHIGAN STATE UNIVERSITY MUSEUM, 2014, tradução nossa).

O pano exibido na Figura 7 foi produzido em tecido de algodão adamascado vermelho e quatro folhas de estênceis, gerando quatro padrões repetidos dentro de uma composição do tipo *grid* (Ibid.).

#### 4. Elementos Estruturais da Linguagem Visual

Segundo Lupton (2008), o inventar e organizar conteúdo visual se origina do Design Gráfico, quando instituições como a Bauhaus (Alemanha), exploravam o design como uma “linguagem da visão”, universal e alicerçada na percepção; um conceito que permanece na atualidade, moldando o ensino de Design ao redor do mundo. A Bauhaus promovia soluções racionais, utilizando planejamento e padronização.

Organizava-se o conceito de elementos estruturais da Linguagem Visual – *ponto, linha, plano, forma e volume* – na composição de imagens, símbolos, ícones, diagramas, vídeos, tipografias. Elementos que passavam a ser considerados alicerces em projetos de Design considerando a linguagem visual como parte importante do projeto, e que serão destacados neste estudo.

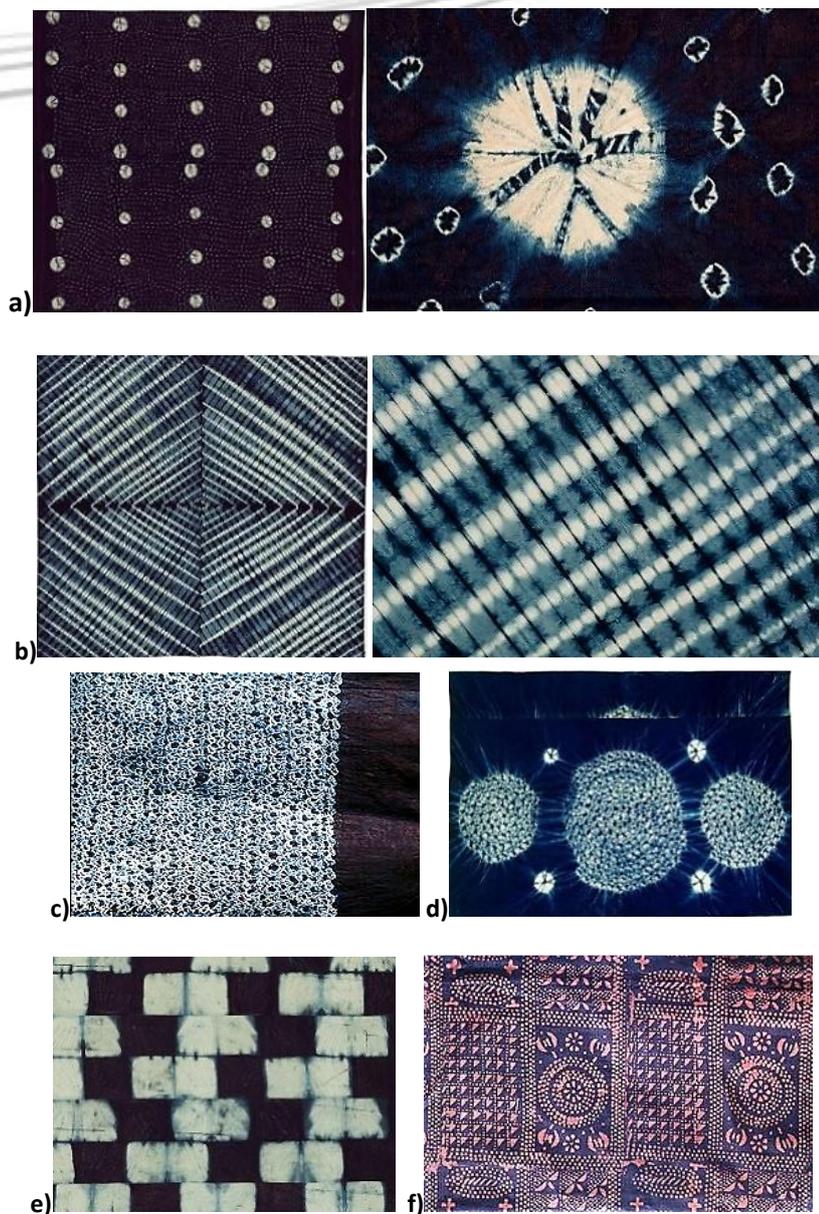
Quanto aos princípios da Gestalt (teoria da boa organização formal), esta pesquisa não se aprofunda na questão, considerando somente a presença das leis de modo geral (*unidade, segregação, unificação, continuidade, proximidade e semelhança, pregnância da forma*), para observação dos panos Adire.

O ato de produzir artefatos munidos de mensagens visuais não é característica somente de sociedades europeias. Povos africanos já se utilizavam de elementos gráficos para configurar seus produtos, antes da existência do Design, como atualmente conhecido, e suas áreas especializadas como profissão. Informações já se organizavam em determinados produtos como os panos africanos.

##### 4.1. Os Elementos Estruturais da Linguagem e os Panos Adire

Neste tópico serão apresentadas um pequeno grupo contendo seis amostras de panos Adire (Figura 8), nos quais se pretende identificar elementos estruturais da Linguagem Visual e princípios da Gestalt, utilizados pelo do Design Gráfico.

Figura 8: Panos Adire; povo Yoruba (Nigéria).



- Fonte: a) <<http://www.vam.ac.uk/content/articles/a/adire-indigo-resist-dyed-cloth-from-yorubaland-nigeria/>>  
b) <<http://www.vam.ac.uk/content/articles/a/adire-indigo-resist-dyed-cloth-from-yorubaland-nigeria/>>  
c) <<http://museum.msu.edu/>>  
d) <<http://effyeaharthistory.tumblr.com/post/2785066426/adire-wrapper-cloth-yoruban-nigeria-20th>>  
e) <<http://www.vam.ac.uk/content/articles/a/adire-indigo-resist-dyed-cloth-from-yorubaland-nigeria/>>  
f) <<http://museum.msu.edu/>>

A **Figura 8a** exibe um pano Yoruba, no qual se fazem visíveis elementos da Linguagem Visual como, por exemplo, o *ponto*. Nesta amostra um ponto evolui para uma massa de pontos, a qual toma corpo na peça como *textura*, formando *planos*. Segundo Lupton (2008), graficamente, um *ponto* toma forma como um sinal, como uma marca visível; podendo ser tanto uma mancha de matéria insignificante quanto uma força concentrada. Ele pode expressar sua própria identidade ou misturar-se a massa.

A *textura* apresenta-se formada por uma massa de pontos, os quais se repetem por toda a peça, em duas escalas principais. Segundo Lupton (2008), a textura adiciona

detalhes à imagem de uma superfície, proporcionando-lhe mais qualidade e o designer se utiliza de texturas para estabelecer uma atmosfera, reforçar um ponto de vista ou expressar uma sensação de presença física.

A mesma amostra também exhibe caracteres visuais ligados à Gestalt, como *unidade, segregação, unificação, proximidade e semelhança*. O pano visto na Figura 8a, conhecido como “luas e frutos”, parece reproduzir uma atmosfera ligada à noite escura, expressa pelo contraste claro-escuro, talvez fazendo alusão ao céu e a luz da Lua.

Quanto à *segregação* é relevante lembrar o que diz Gomes Filho (2000), definindo-a como a capacidade perceptiva de separar, identificar evidenciar ou destacar unidades formais em um todo compositivo ou em suas partes.

Ainda na Figura 8a, a característica visual ligada à *segregação* se faz presente pelos dois conjuntos principais de pontos, identificados por diferentes escalas. A mesma observação é válida para o princípio da *proximidade e semelhança*.

Nesta amostra também se podem notar outros caracteres ligados ao Design e Linguagem Visual, como: *escalas, ritmos, contrastes*.

No que se refere à **Figura 8b**, são visíveis os seguintes elementos da Linguagem Visual e Gestalt: *ponto, linha, plano, textura, continuidade, ritmo, movimento, contraste, unidade, segregação*, dos quais somente alguns serão analisados.

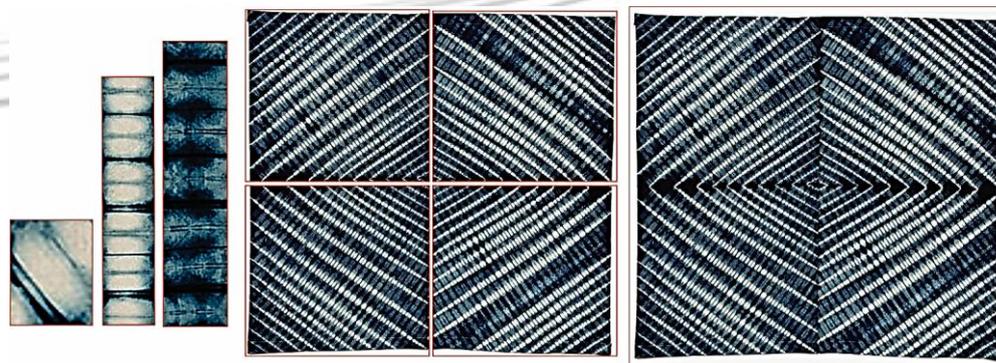
O *ponto* traça uma trajetória no espaço que resulta na formação de linhas, as quais evoluem para a formação de plano texturizado, apresentando um padrão conhecido como diamante.

O *ritmo* torna-se visível pela sensação de movimento encadeado; no caso da Figura 8b, uma sucessão de ondas sequenciais, ordenadas e repetitivas.

A *continuidade*, descrita por Gomes Filho (2000) como a impressão visual de sucessão das partes através da organização perceptiva da forma, sem quebras na sua trajetória, revela-se pela sucessão de sinais gráficos como pontos e linhas; pelos contrastes de claro e escuro, luzes e sombras.

Segundo Gomes Filho (2000) a *unificação da forma* se revela na igualdade ou semelhança de estímulos gerados pelo campo visual, pelo objeto, e acrescenta a presença da *proximidade e semelhança*, como princípios básicos para a unificação da forma. A amostra 8b revela o fator unificação na semelhança dos sinais gráficos gerados por pontos, linhas, contrastes. Os fatores *semelhança e proximidade* também se tornam perceptível tanto nas partes como no todo (Figura 9).

**Figura 9: Relações de Semelhança e Proximidade. Pano Adire Oniko Alabere.**



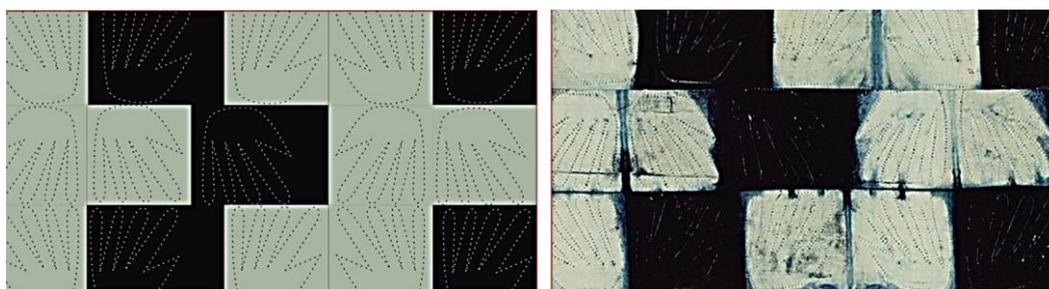
Fonte: Adaptado de <<http://www.vam.ac.uk/content/articles/a/adire-indigo-resist-dyed-cloth-from-yorubaland-nigeria/>>

A **Figura 8c** exhibe *ponto, plano, contrastes, textura, continuidade, desarmonia*. O *contraste* pode ser notado pelo jogo claro-escuro, luz e sombra. A *desarmonia* se revela pela poluição visual gerada por meio de pontos irregulares e muito próximos uns aos outros gerando sensações de instabilidade e sufocamento. O fator desarmonia é conceituado por Gomes Filho (2000) como resultado de desarticulação na integração das unidades constitutivas do todo, apresentando desvios, irregularidades e desnivelamentos visuais.

A **Figura 8d** exhibe *ponto, linha, plano, escalas, contrastes, texturas, unidade, pregnância da forma*. Quanto ao fator *unidade*, o ponto (como unidade) se revela parte essencial do todo em sua forma circular individual gerando formas maiores também circulares. A unidade é conceituada por Gomes Filho (2000) como um único elemento que se encerra em si mesmo ou como parte de um todo. Estas unidades formais, que configuram o todo, são notadas, geralmente, através de relações entre as subunidades que as constituem.

A **Figura 8e** (e Figura 10) exhibe *pontos, linhas, planos, texturas, contrastes, ritmo, segregação, transparência, camadas*. Segundo Lupton (2008), *transparências* e *camadas* são fenômenos correlatos. A amostra revela três camadas simultâneas - um fundo azul, um plano constituído por formas geométricas e outro formado por motivos que parecem mãos – que avançam em direção ao observador.

**Figura 10: Pano Adire Alabere.**



Fonte: Adaptado de <<http://www.vam.ac.uk/content/articles/a/adire-indigo-resist-dyed-cloth-from-yorubaland-nigeria/>>

A decoração exibida na Figura 8e (e Figura 10) mostra uma ilusão de profundidade criada em suporte bidimensional, auxiliada por camadas simultâneas de construção, luzes e sombras.

A **Figura 8f** exhibe *ponto, linha, plano, contrastes, ritmo, movimento, segregação, proximidade, semelhança, unidade*.

Quanto à unificação, esta se revela na semelhança das partes que formam a composição total, pelo estilo, o qual acompanha desde as unidades menores até o todo. Os motivos se formam, principalmente, pelo agrupamento de unidades menores.

Como o objetivo primordial deste estudo é identificar elementos principais da Linguagem Visual, utilizados pelo Design Gráfico, não foram esgotados todos os elementos presentes nas amostras. As amostras da Figura 8 contêm mais caracteres visuais que fortalecem sua identidade como produtos ligados ao Design Gráfico, porém, estes não entrarão na descrição do atual estudo.

## 5. Considerações Finais

O estudo de produtos africanos, provindos especialmente da África Ocidental, é relevante para o Brasil, pela origem de africanos e afrodescendentes no país; pela possibilidade de ampliar horizontes de criação em Design, Moda e áreas correlatas; pelo desenvolvimento de produtos munidos de identidade cultural que apresentem ligações entre africanos e brasileiros.

Todas as amostras apresentadas neste estudo apresentam elementos estruturais da Linguagem Visual (*pontos, linhas, planos, forma, volume*) e princípios da Gestalt (*unidade, segregação, unificação, proximidade e semelhança, pregnância da forma*) conduzindo-nos para uma reflexão maior sobre as fronteiras que separam Design e Artesanato, fronteiras estas que se fortalecem principalmente pelo nível de escolaridade. Também conduz nossas atenções para diferenças que separam teorias ocidentais e orientais. Parece que na primeira ocorre maior nomeação dos elementos do que na segunda, porém, dentro do que se refere ao atual estudo, ambas apresentam práticas semelhantes, senão iguais.

A presente pesquisa pode auxiliar na tradução e desenvolvimento de superfícies têxteis, relacionadas à temática africana, onde o elemento principal do projeto seja definido pela estampa, focalizando nas principais características visuais presente nas amostras de panos *Adire*, a saber: pontos, linhas, planos, segregação, unidade, proximidade e semelhança.

Este artigo não define totalmente os elementos estruturais presentes em panos africanos do tipo *Adire*, mas delinea a presença destes em produtos considerados portadores de caracteres somente artesanais e considerados apartados da Comunicação Visual, podendo minimizar as fronteiras que separam Artesanato e Design. Por este apontam-se algumas intersecções entre ambos, entre estas a utilização de mesma Linguagem Visual na configuração de seus produtos.

## Referências

CHATAIGNIER, Gilda. **Fio a fio**: tecidos, moda e linguagem. São Paulo: Estação das Letras Editora, 2006.

CLARKE, Duncan. **Adire African textile**: Yoruba Adire cloth. 2011. Disponível em: <<http://www.adireafricantextiles.com/adireintro.htm>> Acesso em 16/02/2014

<<http://www.adireafricantextiles.com/adire2.htm>> Acesso em 15/02/2014.

FARINA, Modesto. **Psicodinâmica das cores em comunicação**. 3 ed. São Paulo: Blucher, 1987.

GOMES FILHO, João. **Gestalt do objeto**: sistema de leitura visual da forma. São Paulo: Escrituras Editora, 2000.

LUPTON, Ellen. **Novos fundamentos do design**. Tradução Cristian Borges. São Paulo: Cosac Naify: 2008.

MICHIGAN STATE UNIVERSITY MUSEUM. **Tie dyed cloth** (Adire Oniko). Disponível em: <<http://museum.msu.edu/?q=node/282>> Acesso: 18/02/2014.

MICHIGAN STATE UNIVERSITY MUSEUM. **Resist-pattern dyed Cloth** (Adire Eleko). Disponível em: < <http://museum.msu.edu/Exhibitions/Virtual/AfCon/7366-58.html>> Acesso: 18/02/2014.

MULLEN, Nicole. **Yoruba art and culture**. Phoebe A. Hearst Museum of Anthropology. University of California, Berkeley, 2004. Disponível em: <<http://hearstmuseum.berkeley.edu>> Acesso em: 10/09/2014

MUSEU AFRO-BRASILEIRO. **Setor África**: projeto de atuação pedagógica e capacitação de jovens monitores. Coordenador Geral: Jocélio Teles dos Santos. Pesquisadora: Aline Silva Jabar. Universidade Federal da Bahia. Bahia: Gráfica Gensa, 2005.

PEZZOLO, Dinah Bueno. **Tecidos**: história, tramas, tipos e usos. São Paulo Editora Senac São Paulo, 2007.

RODRIGUES, Raymundo Nina. **Os africanos no Brasil**. Biblioteca Virtual de Ciências Humanas do Centro Edelstein de Pesquisas Sociais. Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <[www.centroedelstein.org.br](http://www.centroedelstein.org.br)> Acesso em: 07/10/2013

SAHEED, Zakaree S. **Adire textile**: a cultural heritage and entrepreneurial craft in egbaland, Nigeria. International Journal of Small Business and Entrepreneurship Research, Vol. 1, No. 1, March 2013, pp.11-18.

SANTOS, Cláudio Alberto dos. **Tambores incandescentes, corpos em êxtase**: técnicas e princípios bantus na performance ritual do Moçambique de Belém. Tese de doutorado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Teatro da UNIRIO. Rio de Janeiro, 2007.

VICTORIA AND ALBERT MUSEUM. **Adire**: indigo resist dyed cloth from Yorubaland, Nigeria. Disponível em: <<http://www.vam.ac.uk/content/articles/a/adire-indigo-resist-dyed-cloth-from-yorubaland-nigeria/>> Acesso: 18/02/2014.

WEST AFRICAN/AFRICAN AMERICAN: ART CONNECTIONS. Disponível em: <[http://www.mintmuseum.org/\\_files/pages/Mint-Museum-West-African-Teaching-Guide.pdf](http://www.mintmuseum.org/_files/pages/Mint-Museum-West-African-Teaching-Guide.pdf)> Acesso em: 17/02/2014

**Panos Adire e Elementos da Linguagem Visual: um Olhar Além das Fronteiras Ocidentais**